

Immanuel Kant

INVESTIGAÇÃO SOBRE A CLAREZA DOS PRINCÍPIOS DA TEOLOGIA NATURAL E DA MORAL

Tradução, introdução, notas e glossário
de Carlos Morujão,
Américo Pereira e Mónica Dias

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

INTRODUÇÃO À TRADUÇÃO PORTUGUESA

Video plerosque, qui mathematicis doctrinis delectantur, a metaphysicis abhorrere, quod in illis lucem, in his tenebras animadvertant. Cujus rei potissimam causam esse arbitror, quod notiones generales et quae maxime omnibus notae creduntur humana negligentia atque inconstantia cogitandi ambiguae atque obscurae sunt facta.

LEIBNIZ, *De Prima Philosophia
Emendatione et de Notione Substantiae*,
GP, IV, p. 468.

A crítica da monadologia de Leibniz e da doutrina leibniziana da harmonia preestabelecida, bem como a convicção da superioridade dos procedimentos gnosiológicos da física newtoniana relativamente aos da Schulphilosophie da escola de Leibniz-Wolff, constituem dois dos traços característicos do pensamento de Kant, nos anos que medeiam entre 1756, data de publicação da Monadologia Física, e 1768, data de publicação de Sonhos de um Visionário Explicados pelos Sonhos da Metafísica. É neste contexto que Kant decide responder à Preisfrage da Academia das Ciências de Berlim, para o ano de 1763: «Quer-se saber se as verdades metafísicas em geral e, em primeiro lugar, os primeiros princípios da Theologia

Naturalis e da Moral são capazes precisamente da mesma prova clara que as verdades geométricas e, no caso de não serem capazes da mencionada prova, qual é a autêntica natureza da sua certeza, qual o grau em que podem ser trazidos à anunciada certeza e se tal grau é suficiente para uma completa persuasão.»¹ É com a Investigação sobre a Clareza dos Princípios da Teologia Natural e da Moral (que, no seguimento, referiremos apenas pela abreviatura alemã *Deutlichkeit*, pela qual é mais conhecida entre os estudiosos do pensamento kantiano) que Kant responde à mencionada pergunta. A redacção desta obra terá sido iniciada somente em finais de 1762, tendo sido entregue ao secretário permanente da Academia em 31 de Dezembro desse mesmo ano. As actas da Academia das Ciências, com a data de 28 de Maio de 1763, reproduzem os Autos da reunião da Classe de Filosofia que analisou os trabalhos a concurso, sendo as obras premiadas anunciadas publicamente na Sessão de 2 de Junho desse mesmo ano². A *Deutlichkeit* recebeu o 2.º prémio do concurso, tendo o 1.º sido atribuído a uma obra de Moses Mendelsohn intitulada *Sobre a Evidência nas Ciências Metafísicas*.

Ainda vinte anos mais tarde, Friedrich Heinrich Jacobi se referirá à *Preisfrage* de 1763 e ao interesse que lhe suscitaram os trabalhos a concurso, confessando a sua decepção com a obra de Mendelsohn e o seu entusiasmo com a obra de Kant, como «não podendo ser mais apropriada»³ às suas necessidades. Os trabalhos de Mendelsohn e de Kant foram publicados nos anais da Academia, no início da Primavera de 1764. Foi com esta publicação que o nome de Kant se tornou, finalmente, largamente conhecido do público filosófico, e que Kant, então com 39 anos de idade, adquiriu um lugar próprio no âmbito da filosofia universitária alemã do século XVIII.

¹ Citado in Ernst Cassirer, *Kants Leben und Lehre*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1994, p. 67

² Idem, *ibidem*, p. 76, nota 2.

³ Friedrich Heinrich Jacobi, *David Hume über den Glauben, oder Idealismus und Realismus* (1786), in *Werke*, Band II, Leipzig, Gerhard Fleischer, 1815, p. 184.

A questão posta pela Academia de Berlim encontrava-se, por assim dizer, na ordem do dia, em parte em consequência da polémica que opunha Christian August Crusius aos principais representantes da escola de Leibniz-Wolff. Tal polémica resultava de uma divergência relativamente a três questões fundamentais. Em primeiro lugar, relativamente à diferença de princípio entre o modo de conhecer da matemática e o da metafísica; em segundo lugar, relativamente à «simplicidade» do objecto das disciplinas matemáticas, que se ocupam apenas de quantidades, em contraste com a complexidade do objecto da metafísica; por fim, em terceiro lugar, relativamente à completude das definições matemáticas, graças ao modo de surgimento dos seus objectos, que se apoia numa regra de construção, procedendo que o conhecimento metafísico não tem à sua disposição⁴.

1. O LUGAR SISTEMÁTICO DA DEUTLICHKEIT,
NO CONTEXTO DO PENSAMENTO DE KANT
NA SUA FASE PRÉ-CRÍTICA

Em finais de 1762, embora com a indicação, no frontispício, do ano de 1763, publicava-se uma outra obra de Kant, intitulada O Único Argumento Possível para uma Demonstração da Existência de Deus. O facto de a redacção desta obra ser parcialmente coincidente, no tempo, com a da Deutlichkeit, é mais do que uma circunstância externa. Ambas constituíram uma oportunidade para Kant discutir o método da metafísica, em ordem à obtenção de um acordo entre os filósofos sobre as questões metafísicas, superando o que a «Introdução» à Deutlichkeit chamará a «eterna inconstância das opiniões», que divide as escolas. Também uma obra como os

⁴ Sobre este assunto e sobre a concordância entre Kant e Crusius relativamente aos três mencionados pontos, cf. Christian Kanzian, «Kant und Crusius 1763», in *Kant-Studien*, 84 (1993), pp. 399-407, p. 399.

já mencionados *Sonhos de um Visionário*⁵, publicada em 1766, pode ser enquadrada no âmbito das mesmas preocupações, apesar do seu carácter polémico e das singularidades do estilo, que, afastando-a da tradição filosófico-científica da escola de Wolff, a aproximavam da *Populärphilosophie* do iluminismo alemão. Na verdade, diante de uma metafísica indutiva como a que é proposta por Kant na *Deutlichkeit* — de que falaremos na 2.^a e 3.^a partes desta introdução —, o conhecimento intuitivo de um puro espírito só poderia ser visto como uma falácia e uma ilusão. Neste sentido, pensamos ser inteiramente legítimo dizer-se que não são tanto os exageros e fantasias de Swedenborg que Kant tem em vista, quanto a própria metafísica, que, apesar do rigor conceptual que adquiriu graças aos esforços da escola de Wolff, ao desconhecer os seus limites e a natureza do seu método — aquele, justamente, que a *Deutlichkeit* porá em evidência —, se presta à caricatura que dela fará o visionário. Ou, mais exactamente: para Kant, entre a seriedade do conhecimento metafísico e a sua caricatura pelo visionário não existe um limite preciso, enquanto aquela não entrar na posse segura do seu método.

Que, nesta perspectiva, os *Sonhos de um Visionário*, mau grado as suas peculiaridades, não são um produto ocasional da produção filosófica de Kant⁶, comprova-o, segundo pensamos, a estreita correlação que é possível estabelecer-se entre esta e outra das obras decisivas deste período, a saber, o ensaio sobre o *Conceito de Grandeza Negativa*⁷. Aí, Kant mostrava que as grandezas reais da

⁵ Kant visava a obra do pensador e místico sueco Emanuel Swedenborg (1688-1772), *Arcana Coelestia*, publicada em Londres, em 8 volumes, entre 1749 e 1756.

⁶ Aliás, como o comprova a carta de Kant a Mendelsohn, enviada a 8 de Abril de 1766, logo após a publicação dos *Sonhos de um Visionário*, estava em causa, sobretudo, a determinação da natureza da metafísica (e não, por conseguinte, o seu abandono) e do lugar que lhe compete entre os conhecimentos humanos.

⁷ *Versuch, den Begriff der negativen Grössen in die Weltweisheit einzuführen*, Königsberg, Johann Jacob Kanter, 1763. (*Kants gesammelte Schriften*, Ak. Ausg., II, pp. 165-204.)

matemática — quando esta se aplica, por exemplo, à determinação das direcções do movimento dos corpos no espaço —, ou as forças de carácter psíquico, mas, essencialmente, a relação de causalidade, não podem ser abstraídas analiticamente da realidade, nem deduzidas sinteticamente de princípios. Se, por exemplo, um barco, viajando de Portugal para o Brasil, tendo percorrido 19 milhas marítimas ao fim de 7 dias de viagem, avançou 27 milhas para ocidente com o auxílio dos ventos favoráveis e retrocedeu 8 milhas devido aos ventos contrários⁸, tal oposição (que exprimimos pela operação aritmética simples $27 - 8 = 19$) não tem um carácter lógico. Quer dizer, não consiste no facto de, em simultâneo, se afirmar e negar o mesmo, de uma mesma coisa. A sua existência deverá ser estabelecida através da experiência e não silogisticamente, ou através de puros conceitos do entendimento⁹.

Ao longo de toda a década de 60 do século XVIII, tratar-se-á, ainda e sempre, nos escritos kantianos, do problema do método, uma temática em que Kant trabalhará até à publicação da *Crítica da Razão Pura*, reflectindo-se ainda, quer nos prefácios à 1.^a e 2.^a edições desta obra, quer no capítulo da «Teoria Transcendental do Método» intitulado «A disciplina da razão pura no uso dogmático»¹⁰, mesmo se é impossível não concordar com a opinião de Ernst Cassirer, segundo a qual não é legítimo querer encontrar na produção filosófica de Kant dos anos 1763-1764 o modo de colocar os problemas metafísicos que caracterizará a 1.^a *Crítica*¹¹. Mas um leitor tão atento de Kant como foi J. G. Fichte não hesitará em admitir, muitos anos mais tarde, que «a filosofia de Kant parte, toda ela, do pensamento

⁸ *Begriff der negativen Grössen*, A 7/Ak. Ausg., II, p. 173.

⁹ *Ibidem*, A 3/Ak. Ausg., II, p. 171.

¹⁰ Cf., nomeadamente, a passagem seguinte, que nos parece prolongar as teses do *Preisschrift* de 1763: «na filosofia, a definição, como clareza apropriada, tem antes de terminar a obra, do que iniciá-la» (*KrV*, A 731/B 759).

¹¹ Cf. Ernst Cassirer, *Das Erkenntnisproblem in der Philosophie und Wissenschaft der neueren Zeit*, Berlin, Verlag Bruno Cassirer, Band 2, p. 587.

que desenvolveu no seu *Presischrift*»¹². Mais recentemente, Alexis Philonenko defendeu que foi com a *Deutlichkeit* que Kant realizou a sua primeira passagem para o criticismo¹³.

Já o argumento ontoteológico, apresentado pela primeira vez na *Nova Dilucidatio*, de 1755, e aprofundado no *Beweisgrund*, pretendia fornecer um exemplo da aplicação deste novo método¹⁴. Criticando o que, a partir de 1763, ele próprio chamará «argumento ontológico», Kant defendia, na obra de 1755, que nada pode ser apresentado como possível se não existir também algo de real num conceito possível, quer dizer, algo que seja o fundamento da possibilidade do que nele é representado. Mesmo não sendo inteiramente original, esta tese — ao acentuar a importância de um elemento material da possibilidade — constata a insuficiência dos critérios meramente formais, tal como os princípios de não contradição ou de razão suficiente, para garantir a passagem do possível ao real e fundar uma ontologia. Deparamo-nos, aqui, com a clara consciência, por parte de Kant, da total insuficiência dos princípios lógicos para fornecer conhecimentos concretos sobre a natureza dos fenómenos físicos e metafísicos. Neste sentido, as investigações de Kant do ano de 1763 — estimuladas, sem dúvida, pelas próprias críticas que alguns dos principais representantes da *Schulphilosophie* dirigiam ao sistema de Leibniz-Wolff¹⁵ —

¹² Fichte, *Logik und Metaphysik*, in *Nachgelassene Schriften*, Band II, p. 280.

¹³ Alexis Philonenko, *L'Oeuvre de Kant*, Paris, Vrin, 1993, 5.^a ed., p. 52.

¹⁴ Cf. *Nova Dilucidatio*, II, Prop. VII, in *Ak. Ausg.*, I, pp. 395-396; *Beweisgrund*, A 6, 8, 189/*Ak. Ausg.*, II, pp. 72-73 e 155-156. Nesta última obra, referindo-se a todas as suas investigações anteriores sobre este problema, Kant afirmava: «As considerações que aqui exponho são a consequência de uma longa meditação» (A 6/*Ak. Ausg.*, II, p. 66). Sobre este assunto, cf. ainda a carta a Formey (o secretário permanente da Academia), de 28 de Junho de 1763, in *Ak. Ausg.*, X, pp. 41-42.

¹⁵ Kant poderá ter recebido um estímulo especial de uma obra de Christian August Crusius intitulada *Weg zur Gewissheit und Zuverlässigkeit der menschlichen Erkenntnis*, publicada em Leipzig em 1747. O tipo de

evidenciam um forte elemento de continuidade com as preocupações kantianas dos anos anteriores.

Poderá aqui servir-nos de exemplo desta continuidade a referência de Kant, no § 1 da Primeira Consideração, ao conceito leibniziano de *mónada adormecida*. Na verdade, diz Kant, tal conceito foi apenas criado para designar, de um outro modo, as substâncias simples dotadas de representações obscuras, sem que, previamente, tenha sido fornecida a prova de que tal tipo de substâncias existe. Ora, esta crítica a uma tese de tão grande importância no pensamento leibniziano encontrava-se já formulada na *Monadologia Física* de 1756, inserindo-se, aliás, numa tendência, que remonta ao próprio Christian Wolff, em reservar a percepção, apenas, para as *mónadas* dotadas de inteligência e em reduzir a apetição — esse outro grande princípio da vida da *mónada*, segundo Leibniz — a uma simples relação de causalidade¹⁶.

2. QUAL A NATUREZA DO MÉTODO QUE É PRÓPRIO DA FILOSOFIA? COMPARAÇÃO ENTRE O TIPO DE CERTEZA PRÓPRIO DO CONHECIMENTO MATEMÁTICO E O QUE É PRÓPRIO DO CONHECIMENTO FILOSÓFICO

No início da Primeira Consideração da *Deutlichkeit*, Kant defende a existência de dois métodos para obter um conceito universal,

clareza que é próprio dos conceitos ontológicos constituía um dos temas centrais desta obra. Cf., nomeadamente, as afirmações de Kant sobre Crusius no § 3 da Terceira Consideração da *Deutlichkeit*. Reservamos para os pontos 3 e 4 desta «Introdução» e para as notas no final deste volume um comentário mais pormenorizado a estas passagens.

¹⁶ Sobre o destino da noção leibniziana de percepção, ao longo de todo o século XVIII, pode consultar-se Yvon Belaval, «La perception», in *Études Leibniziennes*, Paris, Gallimard, 1976, pp. 142-171. Relativamente à *Monadologia Física*, podem consultar-se as Proposições VII e VIII da Primeira Secção (Ak. Ausg., I, pp. 481-482). Contudo, na Proposição VII,

e não apenas de um único método, que seria válido para qualquer forma de saber, como era prática na escola de Wolff, que se filiava, quanto a este assunto, na tradição cartesiana. Descartes defendera que sendo a razão humana uma só, independentemente da diversidade dos objectos a que se aplica, o método deveria ser o mesmo em toda a parte. Mas Kant distingue o método analítico da física e da metafísica, e o sintético da matemática, não admitindo apenas o método analítico-sintético, como Descartes, segundo o modelo da matemática¹⁷. Há, todavia, uma diferença fundamental entre o modo de proceder analítico em Descartes e em Leibniz. Para o primeiro, a análise não deixa de ter um carácter arbitrário, pois o espírito pode descobrir na noção que analisa tantas partes quantas as que lhe convierem para tornar clara e distinta a ideia do analisado. Mas, para o segundo, só há verdadeira análise quando se conhecem as articulações do analisado — ou seja, a sua definição real, que o torna possível —, de modo que o definido possa ser resolvido nas suas definições.

Kant, ao referir-se ao método matemático, pensa, sobretudo, no que acontece na geometria. Esta, ao contrário do que acontece em filosofia, apoia-se num número reduzido de axiomas ou de proposições indemonstráveis, que não necessitam de esclarecimento posterior, pelo menos na própria matemática¹⁸. Podemos pensar no que acontece com o conceito de espaço, que a geometria pressupõe, mas que não necessita de clarificar. É à metafísica que competirá o trabalho

Kant parece inclinado a admitir a existência de um «interior» da substância, ou seja, a distinguir a sua grandeza extensiva — ou existência no espaço — da sua grandeza intensiva.

¹⁷ Cf. Wolff, «Kurzen Unterricht von der mathematischen Lehr-Art», in *GW*, Abt. I, Bd. 12, § 27. Ver também *Philosophia Rationalis sive Logica*, *GW*, Abt. II, Bd. 1.1, § 139. Comparar com os textos de Descartes sobre o mesmo assunto, nomeadamente, a *Regulae VI*, in *AT*, X, p. 360: o espírito é um só, o método codifica a sua actividade essencial e é só um, e a ciência é só uma, tal como a luz do Sol é só uma, independentemente da diversidade dos objectos que ilumina.

¹⁸ Cf. *Deutlichkeit*, A 75-76/Ak. Ausg., II, p. 280.

de clarificação, sem que tal signifique, para Kant, a possibilidade de, em todos os casos, chegar a conceitos absolutamente simples, quer dizer, não susceptíveis de análise posterior. A metafísica é, por este motivo, o mais difícil de todos os conhecimentos humanos¹⁹, pois o seu exercício supõe uma prévia determinação dos poderes e dos limites da razão. Certamente por isso, não foi ainda escrita nenhuma²⁰, embora muitos livros ostentem o seu nome no título. Mas a matemática, ao contrário da metafísica, pode proceder sinteticamente, quer dizer, construindo, a partir daquelas proposições, conceitos que não têm, antes da sua definição, uma existência matemática.

Podemos chegar por dois caminhos a qualquer conceito universal: ou através da *ligação arbitrária* de conceitos, ou através da *separação* daquele conhecimento que, por meio da análise, se tornou claro. A matemática nunca compõe definições senão através do primeiro modo. [...] O conceito que explico não é dado antes da definição, mas, pelo contrário, surge dela em primeiro lugar. Um cone poderá significar aquilo que se queira: na matemática, ele surge da representação arbitrária de um triângulo rectângulo, que gira em torno de um lado. A explicação surge aqui, e em todos os outros casos, claramente, por meio da *síntese*.²¹

Por outras palavras, todas as determinações de uma figura geométrica qualquer — um círculo, um triângulo, etc. — surgem do acto de pensamento que lhes deu origem e subsistiriam mesmo que não existisse um universo físico. Se foi possível gerar um cone a partir do movimento de um triângulo rectângulo em torno de um

¹⁹ *Ibidem*, A 78/Ak. Ausg., II, p. 283.

²⁰ *Ibidem*, A 79/Ak. Ausg., II, p. 283.

²¹ *Ibidem*, A 71/Ak. Ausg., II, p. 276; cf., igualmente, A 77, 79 e 88/Ak. Ausg., II, pp. 280, 283 e 291.

lado fixo, como afirma o texto que acabámos de citar, foi, então, graças a um acto sintético²² do espírito, que liga o triângulo e aquele movimento, que o cone foi gerado.

Ao invés, em filosofia, os conceitos dados das coisas constituem o ponto de partida. Tais conceitos, porém, são confusos, ou ainda não suficientemente determinados. A filosofia tem por objecto as qualidades, quer dizer, as determinações intrínsecas das coisas; tais determinações, porém, não são dadas no início, mas sim, apenas, no final do trabalho filosófico. Sirva-nos como exemplo o conceito de tempo. Retomando uma conhecida afirmação de Santo Agostinho, segundo a qual sei o que ele é quando mo não perguntam, e já não sei o que ele é quando mo perguntam, Kant esclarece a natureza do ponto de partida da filosofia, para o distinguir da geometria e aproximá-lo do da física. Pois, tal como esta, a filosofia não necessita de começar por conceitos claros. É assim que a física utiliza, por exemplo, o conceito de força, como expressão analítica para certas relações de medida que se verificam no movimento dos corpos, sem começar por uma definição da essência da força. Não lhe é necessário um conhecimento dos primeiros fundamentos das leis da natureza para saber, pela experiência e com o auxílio das regras da geometria, que os corpos se comportam de acordo com tais leis²³.

Na análise filosófica, nem sempre é necessário chegar, como em matemática, a conceitos claros, pois é sempre possível obter novos conhecimentos a partir de uma ideia que permanece confusa. Ao invés, julgando poder transportar para a filosofia o modo de proceder próprio da matemática, toda a metafísica racionalista da escola

²² Não se confunda, contudo, esta definição de sintético com a que será feita na *Crítica da Razão Pura*, e que estará na base da definição dos juízos matemáticos como sintéticos *a priori*, fundados na intuição pura do espaço (no caso da geometria) e do tempo (no caso da aritmética). Também a definição de analítico, em 1763, não corresponde à que será dada mais tarde, no período crítico. Voltaremos mais adiante a este assunto.

²³ *Deutlichkeit*, A 80-82/Ak. Ausg., II, pp. 284-285.

ÍNDICE

Introdução à tradução portuguesa	7
<i>Bibliografia</i>	33
<i>Siglas e abreviaturas utilizadas</i>	37

INVESTIGAÇÃO SOBRE A CLAREZA DOS PRINCÍPIOS DA TEOLOGIA NATURAL E DA MORAL

Introdução	41
Primeira Consideração	45
Segunda Consideração	63
Terceira Consideração	83
Quarta Consideração	97
Posfácio	109
<i>Apêndice</i> — Anúncio do Programa de Lições de Immanuel Kant para o Semestre de Inverno de 1765-1766	111
<i>Notas</i>	131
<i>Glossário</i>	143